



INSTITUTO FEDERAL
Sul-rio-grandense
Câmpus Sapucaia do Sul



Curso Técnico em
Administração



HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



Apresentação

O projeto “Histórias que merecem ser contadas” dá voz às pessoas, jovens e adultas, estudantes do quarto semestre do curso técnico em Administração/modalidade EJA, o PROEJA, do IFSUL/Sapucaia do Sul, e valoriza suas trajetórias de vida. Alunas e alunos provocadas/os a revisitar momentos significativos das suas histórias, se emocionam e resignificam episódios inesquecíveis. Essa atividade possui intencionalidades pedagógicas de valorizar a relevância da leitura e da escrita como formas de interação social, como também busca materializar uma educação humanística que empodera mulheres e homens que muitas vezes estão tendo, pela primeira vez, no espaço escolar, a oportunidade de falar/escrever, exteriorizar suas Palavras de Saberes, de Vontades, de Demandas e de Discernimentos.

Em um ano de ameaças profundas aos avanços sociais dos últimos 12 anos no país, materializadas, por exemplo, pela PEC 55 (241), esta publicação visibiliza processos e resultados de Políticas Educativas que (re)desenham os Institutos Federais (IFs) nos seus papéis de protagonistas para uma sociedade mais justa e inclusiva.

O curso técnico em Administração/PROEJA, em Sapucaia do Sul, caracteriza-se por uma predominância de mulheres como alunas, em torno de 75%. Assim, o Curso vai ao encontro não só de contribuir em alcançar algumas das metas do Plano Nacional de Educação (PNE), como também de encarnar um dos oito Objetivos do Milênio (ODM) - um conjunto de compromissos firmados em 2000 pelos países integrantes da Organização das Nações Unidas (ONU), já que o terceiro deles diz respeito à promoção da igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres. Para cumpri-lo, os países precisam ter uma agenda mínima que reduza as disparidades entre os sexos no ensino básico. Logo, o PROEJA do IFSUL/Sapucaia do Sul também está fazendo uma História que merece ser contada!

Por fim, relembremos que Paulo Freire nos desafia e energiza quando diz que “A esperança não floresce na apatia. Cabe ao pedagogo/a, ao filósofo/a, ao político, aos/às que estão compreendendo a razão de ser da apatia das massas - e às vezes da apatia de si mesmos - a briga pela esperança.” (1993).

Apresentação

Nesse sentido, este novo volume de “Histórias que merecem ser contadas”, de 2016/02, é esperança materializada em práxis educativa que empodera educandas e educandos. É uma obra que aponta para a necessidade de firmarmos a EJA e o PROEJA como modalidade e política pública, que não podem perecer, bem como as instituições públicas, gratuitas e de qualidade que oportunizam experiências como esta.

Esperamos que vocês, leitoras e leitores, possam apreciar e interagir com as histórias aqui presentes e todos os significados que esta coleção brinda à nossa sociedade por um país mais justo e inclusivo.

Professora Suzana Trevisan
Idealizadora e executora do projeto
Histórias que merecem ser contadas

Professor Guilherme Reichwald Jr.
Coordenador do curso técnico em
Administração/modalidade EJA

Sumário

- 9 *Missão dada é missão cumprida* | Alison Santos Martins
- 10 *Eu venci o câncer* | Andrea Cristina Souza Marques
- 11 *Superei o uso de drogas* | Andréia Prigol Bernardi
- 12 *Como é bom ser especial* | Ari Fernando Junior de Souza
- 13 *A casa assombrada* | Carla Andrea da Silva Rosa
- 14 *Prova de amor* | Danieli Dias Cardoso
- 15 *Amor de mãe* | Estanislau Ricardo Durzynski
- 16 *O divertido vocabulário da vó Eugênia* | Giovana de Matos
Silveira
- 17 *Uma história escrita pelo dedo de Deus* | Giovani Rodrigues
- 18 *Pra vida toda* | Jennifer Nunes Reis
- 19 *De volta pra casa* | Josiane Sales Araújo
- 20 *Uma linda surpresa* | Jussara Garcia
- 21 *Sentimento de perda* | Jussara Terezinha da Costa Botelho
- 21 *O fogo nas taquareiras* | Karen Patrícia Vicnte Fischborn
- 23 *Presente de Halloween* | Márcio José Francilio Paim

Sumário

- 24** O transplante | Mariza Terezinha Garcia Joaquim
- 25** Reconstruindo um mundo, num mundo de lembranças |
Melissa Souza Campos
- 26** Crença, respeito e liberdade | Patrícia Tiele Oliveira Dias
- 27** O desafio de ser mãe | Rosane Alves Lopes
- 28** A chegada de João Pedro na minha vida | Sidia Daniela da
Silva Terra
- 29** O passado não podemos mudar, mas o futuro podemos |
Thiago Garcia
- 31** A vida por um fio | Viviane Krabbe Fonseca







Alison Santos Martins

Estava eu de férias do meu serviço Militar, quando escutava apenas boatos nas rádios e televisão, que o Brasil mandaria tropas militares para compor uma missão de paz. Eu estava totalmente desligado das atividades das forças armadas, até porque só o Ministro da Defesa, com ordem do Presidente, pode mandar uma carta para que as pessoas de férias retornem as atividades.

Isso foi tão forte que foi repercutindo em todo os lugares, então em um certo dia, em frente à minha casa, um carro militar das forças armadas se aproximou e um Sargento caminhou em minha direção com uma carta, escrito assim: “Eu, o Presidente da República, faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º O presente Estatuto regula a situação, obrigações, deveres, direitos e prerrogativas dos membros das Forças Armadas. Com esta lei, digo que o soldado Alison Santos Martins está sendo convocado, para compor a Missão de Paz da (ONU) Organização das Nações Unidas, no Haiti, MINISTHA (Missão de Estabilização do Haiti). Então, tive que me apresentar na unidade mais próxima das forças armadas, ai foi quando me caiu a fixa que eu estava sendo chamado para compor o efetivo.

Lá tive vários momentos, alguns que me tocaram e outros que não dava pra esquecer, como exemplo: todas as escolas têm no ensino três idiomas e têm uniformes fornecidos pelo governo, quando os homens estão felizes andam de mãos dadas, quanto maior o veículo pior era pros pequenos por que não tinham vez, e muitas outras coisas.

Foi uma excelente experiência que passei lá, tanto para a vida, como de aprendizado, costumes e me sinto um pouco honrado em contar um pouco dessas histórias que apenas foi um parágrafo que se resume aqui.

Andrea Cristina Souza Marques

Conheci realmente a força que existia dentro de mim em janeiro de 2009, quando fui diagnosticada com câncer de mama. No primeiro momento, bate um desespero e passa mil coisas pela nossa cabeça: não vou criar meus filhos, vou morrer, vou ficar sem a mama, vou ficar careca etc... passa um filme.

Passei por uma mastectomia parcial, por quimioterapia, radioterapia, exames de 6 em 6 meses e por tratamento via oral por cinco anos. Mas Deus é muito bom, nos dá uma coragem de enfrentar tudo de cabeça erguida. Também o apoio de meus pais, filhos, irmãos, marido, parentes e amigos. Tudo isso foi fundamental para não desistir e ir em frente. Aline, minha filha, usava peruca junto e saía bem faceira, pela rua. Meu filho, Cristiano, ficava bravo com os colegas de escola se me olhassem muito ou fossem rir.

No fim, tudo era motivo de risadas, eu mesma fazia palhaçadas. Em final de semana todos se reuniam em minha casa, parecia festa. Mas em março de 2014, fazendo exames de rotina, outra vez o câncer aparece, desta vez tive que me submeter a uma mastectomia total. E lá estávamos todos unidos, para enfrentar tudo que viria pela frente. Fiz a cirurgia em 14 de julho de 2014. Em setembro já estava começando a consultar para me submeter a colocação da prótese mamária.

Ainda estou em processo de reconstrução da mama. O mais importante é confiar em Deus, no apoio de minha família que eu amo, amigos e no amor a vida. Eu sempre digo para qualquer pessoa: “Eu tenho câncer, não ele que me tem...”

Andréia Prigol Bernardi

Mais ou menos no início de 2010, começou uma parte cruel da minha vida. Eu tinha 22 anos e conheci uma moça e me apaixonei. Só que tinha um grande problema, ela era usuária de crack. Naquela época odiava drogas, brigamos várias vezes por isso até que terminamos.

Então fui numa festa e me ofereceram cocaína e pensei “por que não?”, queria sentir o que ela sentia usando aquela merda. Usei e me senti tri ligada, várias sensações, depois fui a festas e usava cocaína frequentemente, eu tinha muitos amigos, amigas e tinha sempre dinheiro. Até que chegou o ponto de eu sair de casa na terça e só voltava domingo à tarde, ficava em motéis três dias direto, só cheirava. Larguei minha filha de mão e não me preocupava com ela. Na realidade, não me importava e cada vez estava mais no fundo do poço.

Minha rotina foi essa até o dia que passei muito mal, fiquei três dias em casa até ir ao hospital. Tiveram que fazer uma cirurgia de emergência no meu fígado e trombas. Estava tudo infeccionado, fiquei um tempo em casa. Durante este tempo, me deu um tipo de depressão, pensei na minha vida que estava uma merda, nenhum dos meus “amigos” ligou para saber se eu estava viva ou morta, fiquei meio neurótica. Coitada da minha mãe. Ficava preocupada comigo, mas ela nunca me proibiu de nada, acho que ela sabia que sou teimosa e se proibisse seria pior, então ela conversava comigo sempre numa boa.

Fiquei em casa mais ou menos um mês e meio e voltei pras noitadas, só que como eu estava meio deprimida foi muito pior. Eu cheirava e ficava muito neurótica como se todo mundo debochava de mim. Começaram as vozes na minha cabeça, elas falavam assim “olha aí, sua bundona, estão rindo de ti e você não vai fazer nada”. Estava enlouquecendo. Apareceram as sombras, aí me assustei. Um dia tinha passado três noites e dois dias só bebendo e cheirando, não comia nada, pois não sentia fome. Cheguei em casa, o pai e a mãe tinham saído. Só eu estava em casa e começou a sombra a vir para cima de mim. Tentava gritar, mas não conseguia, depois disso fiquei mais um tempo em casa me assustei muito, achava que estava ficando louca.

Aí cheirava só uma vez por mês em casa e a mãe sempre falando “Andréia, você usa esta merda só uma vez por mês, por que você não para?” e eu sempre falei para a minha mãe, “Eu entrei sozinha, eu saio sozinha, ninguém nunca colocou uma arma na minha cabeça e me obrigou a cheirar, a decisão foi minha e eu tenho que arcar com as consequências.”

Então hoje já faz dois anos e meio que não uso drogas, mas também nunca mais sai para as festas, por que não sei se vou falar “não” então é melhor ficar em casa.

Sobre os meus “amigos” daquela época, não quero nem saber. Hoje eu estou bem, estou estudando e trabalhando, mas tenho muito remorso, principalmente em relação a minha filha.

Filha, a mamãe te ama muito. Sei que eu errei muito, mas eu te amo. Nunca cometa o mesmo erro da mamãe. Amo-te muito, muito...

Como é bom ser especial

Ari Fernando Junior de Souza

Eu quando eu era pequeno eu era normal depois veio a adolescência ia eu devagarinho quando tomei meus remédios que eu virei autista e eu alguns anos eu era agressivo depois eu tomava remédios.

Mas havia um que eu tomava liponex eu me realmente aos poucos que eu fiquei Gordo.

E eu quando não tomei esse remédios eu era magro. Quando eu tinha sete aninhos eu era magrinho.

Ari de agora gosta de estudar namorar cinema. Eu estudo administração padeiro Senai de Porto Alegre. Minhas Professoras que eu gostou mais e de todas no Ifsul. Benjamin e meu sobrinho já caminha 1 Aninho e apronta quero ir em Caxias para visitar o estádio do juventude.

Carla Andrea da Silva Rosa

A história que vou contar aconteceu a alguns anos, quando, com o fim de um casamento de oito anos, resolvi dar um rumo para minha vida. Aluguei uma casa e fui morar sozinha, o lugar era bem bacana, porém como “quando a esmola é demais o santo desconfia”, tinha algo de estranho em tanta facilidade. Mesmo assim me mudei, tudo novo, vida nova.

Minha primeira noite na casa nova tinha gosto de liberdade. Resolvi tomar um vinho para relaxar e dormir melhor, pois mudança dá um trabalho! Bem em frente ao meu quarto tinha um corredor que cortava da sala para cozinha, a porta do meu quarto, de frente com a do banheiro. Acordei de madrugada com um barulho no banheiro e percebi a luz ligada.

Quando levantei e caminhei em direção a porta para apagar a luz que pensei deixar ligada, percebi um vulto e logo a luz do banheiro se apagou. Com o efeito do vinho, achei que estava sonhando e voltei para a cama.

No dia seguinte, ao acordar, tentei lembrar o que havia acontecido, se foi sonho ou realidade. Mais tarde, conversando com a amiga que havia conseguido a casa para eu alugar, ela se assustou com a minha história e, tentando disfarçar, mudou o rumo da conversa.

Percebi que algo estava estranho, mas dei continuidade as arrumações da mudanças. Porém, na noite seguinte, mais um episódio aconteceu. Dessa vez, sem vinho para culpar, me acordei assustada, ouvindo passos pela casa e com medo de invasão, levantei apavorada, quando vi saindo rápido pela porta da cozinha o rastro de uma sombra sinistra, não dormi mais aquela noite de tão grande foi o susto.

Quando amanheceu, fui logo falar com a minha amiga e ela, sem graça, me contou o que havia acontecido. Disse ela, com temor; que na casa morava um senhor solitário e há muito tempo doente falecera na mesma semana em que eu me mudara. Depois de saber da história, me senti aliviada, percebi que ali estava o verdadeiro dono da casa que talvez tenha vindo se despedir do lugar onde havia vivido bom momentos.

Na noite seguinte, estava eu tomando um vinho bem sossegada, quando tive a brilhante ideia de conversar com a assombração e disse a ele que não queria incomodar, somente recomeçar minha vida naquele lugar onde, com certeza ele havia sido muito feliz. Depois disso, ainda aconteceram alguns episódios interessantes, mas fica pra uma próxima história...

Prova de amor

Danieli Dias Cardoso

Em agosto de 2012, fui ao hospital com uma simples dor de garganta, então, a médica me receitou uma injeção daquelas bem dolorosas. Mas, não sabíamos que essa injeção me causaria tantos transtornos.

Acredito que tenha sido mal aplicada, pois no local criou-se um abscesso, causou inchaço, necrose na pele e uma dor excessiva, tive que usar dreno. Porém, minha pele, na parte afetada, simplesmente caiu. Somente uma cirurgia foi capaz de retirar o restante da infecção e depois fui submetida à plástica para reconstruir a pele.

Isso tudo ocorreu durante seis meses. Tive que parar de estudar, de trabalhar e de sair casa para evitar contato com bactérias. Durante esse tempo, eu precisava fazer três curativos por dia, foi quando minha mãe decidiu sair do trabalho para cuidar de mim. Então, como nós duas não estávamos trabalhando, surgiram mais problemas.

Havia conhecido uma pessoa, com quem namoro até hoje, ele fez questão de comprar tudo o que utilizava para fazer os curativos. Além de ter dado muita força e todo o amparo necessário para eu e minha mãe, no momento em que mais precisávamos. Foi uma das melhores provas de amor que ele me fez.

Hoje eu só tenho a agradecer a ele e a minha mãe que estão do meu lado em todos os momentos, bons e ruins.

Estanislau Ricardo Durzynski

Começo a falar de uma pessoa que foi tudo de bom para mim. Ela se chama Maria, uma grande mãe, pessoa de atitude, honesta, carinhosa e muito guerreira. Tive uma ótima educação e segui até o fim seus conselhos. Seu amor de mãe era muito importante, pois ela sabia a educação que passava a seu filho.

Minha mãe era uma criatura de Deus, ela sempre se preocupava comigo, tanto nas horas boas como nas horas ruins. Eu sempre tive um grande valor pela importância do amor dela comigo, pois mãe é tudo para o seu filho, desde o seu nascimento até a idade de adulto, ela sempre zela e cuida muito do seu filho.

Eu tenho muito que agradecer por ela, pois ela foi minha grande mãe, amiga, companheira e uma grande heroína. O que me lembra na minha infância era quando ela me levava e me buscava todos os dias na escola. Isso era o que ela gostava de fazer.

Sempre que eu voltava da escola com ela, o almoço já estava pronto me esperando para almoçar com ela. Hoje eu sei mãe, me lembro bem dos dias que eu levava a senhora para a sua consulta com os médicos. Sempre levava a minha mãe com orgulho nas consultas médicas.

Mãe, fostes meu grande exemplo de amor, vou levar esse amor comigo sempre, tens uma importância enorme na minha vida, que Deus continue te iluminando neste seu caminho. Te amo muito, mãe.

Giovana de Matos Silveira

A minha vó chama-se Eugênia, ela tem 90 anos, com os seus cabelos brancos e brilhantes, é simpática e com a graça de Deus tem uma saúde perfeita.

Ela usa um vocabulário próprio, criativo e divertido. Criamos um grupo no Whatsapp, de acordo com o tal vocabulário, o nome é “paeton” e “suchico”, que referem-se a panetone e sushi. O perfume do vidro “repi-nicado” e o desodorante “rolante” não podem faltar na sua penteadeira, conhecidos como colônia cristal e desodorante roll-on.

Certo dia, eu e ela fomos fazer um bolo e decoramos com chocolate “engranitado”, que é aquele confeito sabor chocolate. Até nos momentos de fé e devoção, ela consegue ser criativa e utiliza expressões como: “Virge!”, “Creio em Deus Pai!” ou “Deus nos defenda!”

Infelizmente, muitas pessoas que falam de forma diferente do padrão considerado “certo” são excluídas da sociedade, mas muitas dessas pessoas nem tiveram oportunidade de ir para a escola. No caso da vó Eugênia, ela morava no interior de Rio Pardo, por volta de 1934, quando estava em idade escolar e a única professora da região veio a falecer e a vó estava cursando a segunda série, dificultando ainda mais dar continuidade aos estudos.

Mas, o que realmente importa é que a família interage com ela, de maneira divertida e respeitosa, sem deboches ou comentários maldosos, porque, com 90 anos de sabedoria, ela tem o direito de usar o vocabulário que bem entender e se alguém fazer alguma crítica, sugiro que encontre algo mais interessante para fazer, como usar um perfume bem “perfumoso” ou que vá se “afumentar!”

Giovani Rodrigues

Quando decidi entregar minha vida a Deus, ele realmente me surpreendeu e esses acontecimentos foram muito rápidos. Na verdade, deixei que minha história fosse escrita pelo dedo de Deus.

Pra quem não me conhece, sou do interior do estado e no ano de 2010, com o término do ensino médio, vim morar na cidade de São Leopoldo. Para mim, tudo era novo, pois nunca havia saído de minha cidade antes.

Uma semana depois da minha chegada à cidade, comecei a trabalhar em um supermercado próximo de casa. Com o objetivo de procurar algo melhor, depois de um ano, mudei pra Duratex, onde estou até hoje.

A partir deste momento, tudo iria mudar, pois no dia da entrevista e da seleção conheci uma mulher entre as candidatas que realmente mexeu comigo. Isso era só o começo, pois no dia seguinte fomos selecionados pra trabalharmos no mesmo setor. Seria coincidência, acaso ou destino? Pra deixar bem claro, não acredito nestas três coisas, mas que tudo acontece por vontade ou permissão de Deus!

Dois anos se passaram e durante este tempo nos tornamos grandes amigos. Nutríamos um pelo outro um carinho mais que especial que a cada dia aumentava.

Em pouco tempo percebi que a atração que eu tinha por ela era mais forte do que uma amizade. Em um belo dia, estando certo do que queria, pedi-a em namoro, ela se surpreendeu e ao mesmo tempo aceitou.

Com a notícia do namoro, até os colegas ficaram contentes, pois alguns diziam que aquela amizade nossa só iria dar nisso. Todos os planos que fazíamos juntos davam certo, tão certo que meses depois a pedi em casamento e logo marcamos a data para o dia 18 de Abril de 2015.

Me chamo Giovani e minha esposa Aline, somos muito felizes e tudo é maravilhoso. Já faz um ano e três meses que estamos casados e muitos dos nossos objetivos foram conquistados, tão rápidos que até nos admiramos. Enfim, nossa vida, ou seja, nossa história continua sendo escrita pelo dedo de Deus.

Jennifer Nunes Reis

Eu estava indo para a 6^o série na escola Vila Prado, logo que começou as aulas houve algumas trocas de turmas. Na mesma semana, acabei conhecendo e fazendo amizade com uma colega nova, achei bem legal e percebemos com o tempo que tínhamos gostos muito parecidos para algumas coisas, sempre juntas pra tudo.

Somos duas pessoas com personalidades bem fortes e isso acabava dando problemas. No fim de todos os anos que estudamos juntas, no último mês de aula sempre brigávamos e não nos conversávamos as férias inteiras. No primeiro dia de aula sempre a primeira coisa que fazíamos era procurar uma a outra para fazer as pazes e foi isso até o fim da escola.

Essa amizade não terminou junto com o fim das aulas e dura até hoje, pois nos tornamos bem mais do que apenas colegas de aula, amigas e como nós falamos, irmãs de mães diferentes. Este ano fez 10 anos que somos melhores amigas e mesmo com a distância normal da vida, sempre que podemos estar juntas é como se nunca tivéssemos nos afastado.

Josiane Sales Araújo

Estou contando uma história que marcou a minha vida. Foi uma escolha que mudou totalmente a minha vida, pois tive que largar a escola e meu emprego.

Começou com uma mudança radical, meu marido estava sendo transferido para Alagoas, Maceió, porque ele recebeu uma proposta de emprego muito boa, mas ele tinha que ir sozinho pra ficar 3 anos lá. Na época eu estava trabalhando e estudando e não tinha como eu ir. A saudade começou a apertar, meu filho sentiu muita falta do pai. Já se passava 5 meses e a saudade cada vez aumentava.

Daí veio a novidade, ele me ligou falando que a empresa tinha autorizado aos que tinham família longe e poderiam trazer que a empresa pagava tudo. Ele me ligou feliz da vida, mas tinha um porém, eu tinha que largar tudo, o meu emprego e o meu curso. Fiquei muito indecisa com tudo aquilo, ficar ou viajar e começar uma vida nova em outro estado? era uma escolha só minha. Quando eu comecei a ficar com meu marido eu sempre falei pra ele e ele pra mim (juntos sempre e para sempre) essa era uma das palavras que a gente sempre falava um pro outro.

Eu sabia que ele iria me falar isso, então o coração falou mais alto que tudo e lá fui eu com meu filho pra Maceió. Fui com meu coração apertado por deixar tudo pra trás, mas eu tinha em mente: tudo vai dar certo.

Chegando lá no Aeroporto, meu amorzão esperando feliz da vida e assim meu filho chorava muito de felicidade por ter seu pai perto. Foram 5 meses longe que parecia 1 ano. Chegando lá consegui um emprego de telefonista e meu filho estava estudando nas melhores escolas de Maceió. Toda essa mudança valeu a pena porque compramos a nossa casa própria e eu comprei minha moto que eu queria muito e a Poli, a minha cachorrinha que faz parte da família.

Agora o que eu mais quero na minha etapa da vida e me formar e estudar bastante e conseguir um estágio porque nessa vida nós temos que estar prontos pra tudo. **FAMÍLIA EM PRIMEIRO LUGAR, AMO MAIS QUE TUDO.**

Essa é minha história de volta pra casa, meu Rio Grande que eu amo.

uma linda surpresa

Jussara Garcia

Algumas vezes aparecem algumas surpresas em nossas vidas...

Eu tive a minha, com 6 meses de gravidez. Como toda gestante, fui em uma consulta de rotina e a médica me examina e constatou que a pressão arterial estava alta, me encaminha para a maternidade para fazer um exame de sangue.

Tinha que esperar o resultado do exame entre 5 e 6 horas.

A doutora chega me olhando de um jeito assustador e falou: “teu exame deu altíssimo, tem que permanecer para se tratar.”

Eu assustada disse: “como assim, doutora?”. Ela respondeu: “sim, você vai ter que ficar porque teu exame deu alto demais, você está com pré-eclampsia devido a pressão alta na gravidez.

Começa um tratamento para assegurar a gestação mais um pouco.

Depois de uma semana sempre mal com muita dor, o doutor chamou meu marido para uma conversa, que tinha que fazer um parto de urgência, ele perguntou: “Tem risco?” O medico disse que sim: “Para os dois, mas a gente opta pela vida da mãe.”

Me levaram para sala de parto, com muita dor, mas eu estava consciente e anestesiada da cintura para baixo, naquele momento só pedia a Deus que salvasse meu bebê. Dali uns minutos escuto o choro do meu filho, que alegria...

Adormeci, acordei horas depois na sala de recuperação. Perguntei: “e o meu bebê?”. Meu marido respondeu: “está na UTI Neonatal, mas está tudo bem.”

Ali começou a corrida contra o tempo. Como ele nasceu prematuro tinha que esperar as 24 horas, mas passou, graças a Deus, só faltava ganhar peso porque ele nasceu muito pequeno, 1k100g.

Cada dia ele aumentava 10 gramas, 20 gramas, assim foi durante 2 meses para obter os 2 kilos.

Enfim chegada a hora da minha linda surpresa, ir para casa com meu filho.

Esta é a historia do meu guerreiro.

Gabriel nasceu no dia 29/03/2004, segunda-feira às 18:30.

Sentimento de perda

Jussara Terezinha da Costa Botelho

Perdi meu pai aos dezesseis anos de idade. Minha mãe, mulher de fibra, assumiu o papel de pai. Meu irmão mais novo tinha então sete anos e, mesmo assim, com muita dificuldade, minha mãe procurava não deixar faltar o que comer. Nós, filhos mais velho, largamos os estudos para trabalhar e assim a ajudar.

Minha mãe veio a falecer dez anos após a morte de meu pai. Meu irmão mais velho, por muitas vezes, preenchia o vazio deixado. Nos almoços de domingo, eu então já casada, nos reuníamos para assim amenizar a ausência que muitas vezes sentíamos de nossos pais. Ele, meu irmão, nos alegrava com seu sorriso fácil, fazia piadas de seus problemas. Esses almoços eram esperados e a época de veraneio também porque íamos juntos para o litoral.

Em um belo dia, ou melhor, em uma noite, ele saiu para jantar e dançar com sua esposa e de lá não retornou. Meu irmão, amigo, companheiro, pai generoso sofreu um infarto fulminante enquanto dançava e veio a falecer. A notícia de sua morte caiu como uma bomba. Como que uma pessoa, aparentemente saudável, vem a falecer? Foi difícil, chorei durante muito tempo.

Os domingos não eram os mesmos e nem os meses de verão. Sentia muito a sua falta, fiquei anos sem conseguir ir a sua casa, ou na praia, tudo era lembrança e isso só me deprimia.

O tempo ajuda amenizar a dor. Hoje, eu sei que um dia iremos nos encontrar e é nesse momento que quero muito abraçá-lo e dizer o quanto o amo e sinto sua falta. A vida é feita também de perdas e temos que conviver com isso, afinal faz parte: nascemos, vivemos e morremos. O que nos conforta é que a morte não é o fim.

O fogo nas taquareiras

Karen Patrícia Vicnte Fischborn

Era uma linda manhã de sol, a menina que já havia sido maltratada logo cedo pelo pai, olhava tristemente para o nada. Seu irmão mais novo a convidava para brincar nos fundos da casa. Lá havia um cercado de taquareiras,

com clareiras abertas que, para uma criança com boa imaginação, seria perfeitamente um lugar para brincar. Então, pegaram seus poucos brinquedos e correram para as taquareiras.

Chegando lá, acharam rapidamente um cantinho para fazer o que qualquer criança faria: brincar. Foi quando a menina (que somente por existir, sofria todos os maus-tratos possíveis) teve uma ideia: entraria na casa e pegaria fósforos para acender seu fogão que construía. Claro que qualquer um sabe que isso não ia dar certo, mas em toda sua inocência de criança, era só um brinquedo.

Chegando na casa, a menina foi até o fogão, avistou a caixa de fósforos, olhou em sua volta e como não viu ninguém, pegou-os e escondeu sob a camiseta. Ao sair na porta, seu pai, que esperava por qualquer oportunidade para lhe bater, perguntou o que ela estava escondendo.

A menina, aterrorizada com o que poderia lhe acontecer se falasse sobre os fósforos, não disse nada, antes tivesse dito a verdade e claro, ter sido castigada. Mas criança é criança.

Então, correu para as taquareiras, feliz por estar com a caixa de fósforos, e tratou de juntar alguns galhinhos e folhas secas para acender seu fogão e preparar “comidinha” para seu irmão mais novo, que em sua brincadeira, seria seu filho.

No primeiro manuseio com os fósforos, logo se formou o fogo e com muita rapidez se alastrou entre os galhos secos das taquareiras. Logo, já havia muita fumaça, a menina correu assustada, deixando seu irmão para traz. Então, ela avistou seu pai correndo, ao passar por ela lhe empurrou tão forte que ela caiu e se machucou. Seu pai entrou no meio daquelas taquareiras em chamas e resgatou o menino que tossia muito por causa da fumaça. Em seguida, ela ouve o barulho da sirene dos bombeiros, mas não entendia o que se passava.

Mais tarde, o pai furioso com o ocorrido queria saber quem havia colocado fogo nas taquareiras. A menina então, morrendo de medo de apanhar, disse que foi seu irmão que havia colocado fogo e o coitadinho acabou levando uma surra em seu lugar...

Presente de Halloween

Márcio José Francilio Paim

No último dia do mês de outubro
No dia de halloween
Deus e a minha esposa
Deram um presente pra mim

É dia de ir embora daqui
De farda do Grêmio, normal
Arrumei o meu guri
Para tirar do hospital

Um lindo rapazito enrugadinho
Mas mui bonito também
Ao pai, bem igualzinho
E com muita saúde, amém.

Lembrança daquele dia
Pai, agora eu sou
Como ser o que eu não tinha
A situação me assustou.

Eu, lá das bandas do Uruguai
Mais um gaúcho sem pai
De um lado pro outro, preocupado
Nervoso, na sala de parto

Minha amada me ensinou
E se hoje aqui estou
Foi por eles certamente
Que minha vida mudou

Um choro que me acalmou
Em meu colo, nosso filho chegou
Primeiro banho, agora cheiroso
Me dei por conta que era tudo
novo

Ser pai, a vida ensina
Apenas um sorriso teu
Me acalma e me anima
Meu orgulho, filho meu.

Mariza Terezinha Garcia Joaquim

No ano de 2014, descobrimos que nosso filho mais velho tinha um grave problema nos rins. Desde então, passamos por dias difíceis, através de vários exames e biópsia foi descoberto que ele tinha uma insuficiência renal crônica chamada GESF. Foram seis meses de um tratamento com corticoides e vários remédios.

Meu filho estava fazendo o último ano de Economia e cada dia que passava via ele mais debilitado. Depois de um longo período de tratamento e nada de melhoras, novos exames foram feitos e então passou a fazer hemodiálise durante sete meses. Nesse tempo, nunca vi ele reclamar de nada, sempre um grande guerreiro e nós sempre o apoiando. Após alguns meses, em uma consulta de rotina e sem nenhum resultado positivo, ele chegou em casa e me disse: “Mãe, há duas horas atrás, entrei na fila de transplante.” Sem pensar, falei “Meu filho, você não vai ficar na espera, você já tem um doador”. Ele olhou para mim, “Mãe acabei de te contar”, “Como assim, meu filho? Eu vou tentar ser a doadora.”

Várias consultas e exames foram feitas, mas minha compatibilidade era baixa. Então, foi a vez do pai fazer os exames e tudo foi se encaixando. O procedimento é demorado e você fica vendo o sofrimento do seu filho pela vida. Mudamos nossa maneira de pensar e agir, passamos a ficar mais unidos.

Após uma longa espera, marcaram o transplante para 17 de novembro de 2014 e nesse dia, o pai lhe devolve a vida novamente. Quase um mês depois, ele retorna para casa, momento único para nossa família. Em agosto de 2015, formou-se em Economia na UFRGS e hoje levamos uma vida normal e o filho também. Agradeço a Deus, ao esposo pelo pai herói, meu filho menor, que foi meu companheiro nas horas difíceis, amigos e parentes, em especial a minha nora pelo apoio e suporte para nosso filho. Hoje, se me perguntarem como foi, não sei explicar, mas com certeza faríamos tudo de novo.

Melissa Souza Campos

Na minha infância, não tínhamos notebooks, tablets, celulares e toda esta tecnologia que existe nos dias de hoje. Tínhamos muitos amigos e o espaço em nossas casas era pouco. Nossas brincadeiras eram pega-pega, esconde-esconde, andar de bicicleta, taco e etc...

Nossos pais ficavam doidos com todos nós juntos, e não era à toa, éramos uma turma de dezesseis crianças e foi nessa época que meu pai nos levou para o “Patião”, como chamávamos o pátio que hoje é o IFSUL. Este era nosso quintal, onde muitos de nós aprendemos a andar de bicicleta e a fazer muitas coisas, inclusive a disputar o nosso território com os ciganos que acampavam neste local. Brigávamos muito com eles...

O tempo se passou, crescemos e uma construção começou no nosso “patião”. Cada um seguiu sua vida e eu fui trabalhar para ajudar nas despesas da casa, pois eram tempos difíceis. Parei os estudos com muita dor no coração, mas sempre tive a esperança de poder voltar a estudar. Muitos anos se passaram, uma oportunidade surgiu.

Matriculei-me e voltei a estudar e ao ingressar na escola novamente e fazer o que eu sempre sonhei que seria na área da administração, como se fosse um presente de Deus. Voltei para o meu “patião”, estou de volta aqui, aprendendo cada dia algo novo em meio de tantas lembranças boas, lutando, batalhando para passar de semestre e ter uma colocação melhor no trabalho. Não tem mais os ciganos para disputar o território, meu obstáculo hoje é me superar a cada dia. Estou aqui reconstruindo um mundo, no meu mundo de lembranças.

Patrícia Tiele Oliveira Dias

Tenho algo que me encanta, que me completa.

Peço respeito e liberdade, pois minha crença faz parte de mim.

Tenho um pai, uma mãe, madrinha e padrinho. Tenho um santo, tenho proteção, fé e coração.

Chamo deus por outro nome, os santos que você conhece por São Pedro, Nossa Senhora (seja Aparecida ou Navegantes), Santa Barbara, eu chamo por Xangô, Oxum, Iemanjá, Yanã, Bara e o pai de todos, o grande Oxalá.

Sim, frequento um terreiro.

Sim, faço trabalho pra fartura.

Sim, utilizo animais para homenagens.

(mas lembre-se que você também come galinha)

Converso com exus e pomba giras.

(muitas vezes são os melhores conselheiros)

Sim, com muito orgulho que digo sou de umbanda, sou de fé,

Sou de paz e coração.

Tenho cabeça de Xangô, Oxalá de padrinho e Yansã de madrinha.

Sei que devem se perguntar o porquê de eu ter entrado, ter escolhido, lavado a cabeça como dizemos... e a resposta vem do fundo da minha alma, do meu coração, do meu ser. Em uma terreira é o onde me sinto em casa, o som de um tambor se une com as batidas do meu coração e sei dentro de mim que lá é o único lugar que nunca serei infeliz. Não haverá tristezas ou dor.

Minha fé está em meu coração.

E a única coisa que peço é o direito à CRENÇA, RESPEITO E LIBERDADE!

Rosane Alves Lopes

Se existe um momento da vida que iguala todas as mulheres é quando se tem um filho. Não importa a profissão, idade ou maturidade. O significado de ser mãe é descobrir formas diferentes de amar. Minha vida passou a ter um novo sentido.

A chegada de meu filho João Henrique foi uma emoção inigualável. Um sonho. Sempre sonhei em ter dois filhos, um menino e uma menina e Deus me abençoou. Junto com essa benção, o susto: aos seis meses da segunda gestação, em um exame de rotina, meu ginecologista ouvindo o coraçãozinho da menina, percebeu que havia algo de errado. Ele então, me encaminhou para o Instituto do Coração e ali foi constatado que minha pequena estava com arritmia. Fiquei, no primeiro momento, desesperada, mas confiante de que tudo não iria passar de um susto. Assim foi.

No ano de 2004, às 2:30 do dia 16 de Setembro nasceu a Eduarda, com apenas oito meses e uma semana. Era muito pequeninha, com dois quilos e seiscentas gramas, mas apesar de pequeninha com muita saúde e vida.

Graças a Deus, ela se curou da arritmia antes de nascer, com alguns tratamentos e muito repouso que o médico havia prescrito. Tive que tomar alguns medicamentos pra que não houvesse um aborto espontâneo. Com isso, consegui segurar a gestação até os oito meses.

Hoje tenho uma linda moça e um rapaz, muito inteligentes, saudáveis e espertos. É difícil descrever em poucas palavras o sentimento de ser mãe, mas costumo dizer uma frase que fala sobre filhos: “Aprendi a ser filha, somente depois que me tornei mãe”.

A chegada de João Pedro na minha vida

Sidia Daniela da Silva Terra

No dia 1º de abril de 2004, às 23:57 horas, nascia no hospital da Puc em Porto Alegre, meu anjo, meu amor incondicional.

Um parto um pouco difícil, depois de caminhar, eu e meu marido Luciano, a noite anterior inteira pra ver se facilitava a hora do parto, o médico pediu que eu fosse pra casa esperar mais um pouco.

Fomos. Mas com muito medo de não conseguirmos voltar a tempo. Chegando em casa, tentei descansar um pouco, mas quem disse que consegui. Além das contrações, havia uma ansiedade muito grande que me consumia. Fiquei feliz, mas um pouco assustada quando a bolsa estourou, uma mistura de felicidade e medo pois tudo era novidade para mim.

Sáímos rapidamente de novo, chegamos ao hospital e finalmente o médico falou que estava na hora. Fui colocada numa maca e fiquei tomando soro a tarde toda. Nunca havia sentido dores tão fortes! Fiquei por mais umas seis horas nesse processo. Quando o médico achou que seria a hora, ele acabou virando a cabeça impossibilitando o parto normal. Foi aí que começou a correria dos médicos para fazer a cesariana. Assim que recebi a anestesia foi um alívio, não demorou muito e ali estava meu pequeno João Pedro.

Apesar de tantos desencontros, valeu muito a pena passar por tudo o que passamos juntos, e agradeço a Deus por ter me dado a benção de ser mãe.

Hoje ele já está com doze anos, um menino lindo, parceiro para todas as horas, não me imagino sem ele na minha vida.

O passado não podemos mudar, mas o futuro podemos

Thiago Garcia

Dia nove de dezembro de dois mil e dez, mal eu sabia que minha vida mudaria.

Fui comprar carne mais ou menos umas dez e quarenta da manhã. Acordei dia vinte e dois de novembro de dois mil e dez. Estava meio confuso, não sabia se era sonho ou vida real, estava numa cama de hospital e logo avistei minha mãe: “Que houve mãe que estou amarrado?”

Ela respondeu: “filho, você sofreu um acidente de moto e foi praticamente atropelado. O rapaz te bateu tu estava parado, está amarrado para não arrancar a sonda”. Ela me contou que eu havia ficado vinte e três dias em coma. Eu estava tranquilo, já louco para arrumar a moto e andar novamente.

Não tinha noção que foi grave, mas muito grave. Só por Deus por estar vivo. Foi passando os dias fiquei quase dois meses e meio no Hospital. Uma semana depois eu completaria vinte e sete anos.

Minha mãe fez uma festa, uma grande festa para o filho único homem, o mais novo.

Estava me locomovendo de cadeira de rodas, logo chega os convidados, chega um das minhas irmãs. Tenho duas, uma com Gêmeos, eles nasceram uma semana antes da tragédia, almoçamos com os verdadeiros amigos. Logo chegou o natal e o ano novo também.

Passei ano novo dormindo, o primeiro da minha vida. Mas passou uns dias e minha mãe queria que eu saísse da cama: “vai estudar”, mas quando a gente não quer dar um jeito, não adianta. Eu pensava como iria no banheiro na escola. Ela dizia: “vamos eu te levo e te busco”. Eu tinha um sonho de abrir uma padaria. “Filho, eu te ajudo nisso”. Já tinha passado um tempo, já tinha comprado uma casa com ajuda dela. Eu tenho pai ele me apoiou.

Aos poucos meus sobrinhos foram crescendo e eu já estava na escola Santo Inácio. Minha mãe levava e buscava. Eu já tentava caminhar sozinho, um dos gêmeos já estava caminhando.

Eu pensei: “não vou perder para o outro”, eu sempre quis tudo para ontem estava muito gordo.

Já pensava para correr e emagrecer e fazer academia, já queria fazer a padaria e estudar para ser um homem bem sucedido, mas não é bem assim, tudo leva tempo. Me formei no ensino fundamental. Antes do acidente tinha uma mente pequena e pensava para que vou estudar se ganho bem. Com quinta série incompleta ganhava mais de dois mil e quinhentos. Estava formado no fundamental, mas não estava bom. Lá vamos nós para o Caetano Gonçalves da Silva, cursar o ensino médio.

Estudava e tinha o sonho da padaria, não estava pronto. Mandeí um currículo por email para Suzer.

No outro dia, toca o telefone e minha mãe disse: “é para ti, filho”. A pessoa disse: “Thiago? tem uma vaga de mecânico montador, tu tem interesse?”. Disse que sim e desliguei o telefone, comecei a chorar de alegria.

Minha vida estava começando a voltar a ativa, comecei a trabalhar e guardar dinheiro para construir. Nisso, já havia vendido a geladeira para minha mãe para fazer a planta sem ter noção de quando iria trabalhar. Um dia os colegas estavam conversando e disse que tinha pegado um Construcard na caixa econômica federal. Cheguei em casa e contei para minha mãe e ela foi ver.

Diz ela que fez uma correria e não foi fácil, mas ela conseguiu. Eu tinha uns mil e ela me emprestou um pouco. Fui para rua do polo quando começa a crise, mas eu fiquei tranquilo pois ia trabalhar na obra e precisava do dinheiro. Meu pai emprestou um pouco. A inauguração da padaria foi dia vinte de setembro de 2014. Logo me formei no Caetano, mas tive a oportunidade de fazer a avaliação no Ifsul e estou aqui, no melhor momento da minha vida, graças a minha Mãe Maria Naisa Garcia, a Deus e ao meu pai Oretes da Silva Garcia.

Viviane Krabbe Fonseca

O dia 16 de junho foi muito marcante na minha vida, pois passei por uma situação muito difícil, que só quem passa sabe. Minha mãe estava hospitalizada no hospital de Esteio há seis dias e aguardava sua transferência para o Instituto do Coração, em Porto Alegre, para realizar um exame.

Ao fazer o exame de cateterismo, foi constatado que ela tinha uma artéria coronária obstruída e com isso tinha sofrido um infarto do miocárdio, junto com esse diagnóstico, o médico trouxe para eu assinar uns papéis que eu consentia com o procedimento que iriam fazer, colocar um stent de urgência.

O que pensar nesta hora? Como agir? Saber que a minha simples assinatura consentia com o melhor para minha mãe e ao mesmo tempo o risco de ela não resistir. Nesse momento agi com a razão e não com o coração.

Passaram-se longos minutos sem notícias, até o término do exame. O médico que fez o exame veio falar comigo e minhas irmãs relatando sobre o procedimento, que o mesmo tinha sido um sucesso, mas durante a realização do exame, minha mãe teve uma parada cardíaca de dezoito minutos.

Fiquei congelada, perdi o chão, pensei logo: “minha mãe morreu”. Quando voltei a consciência o médico estava falando que eles tinham encaminhado minha mãe para CTI e ela tinha sofrido outra parada cardíaca, complicando o quadro dela. Depois de algumas horas na sala de espera da CTI junto com meus familiares, o médico de plantão veio nos dar notícias. Informou que o estado da minha mãe era muito grave, que podíamos entrar em contato com os parentes e foi nos preparando. Minha mãe tinha poucas chances de sobreviver.

Se por um milagre acontecesse isso, ficaria com sequelas. Todos ficaram desesperados. Além disso, fiquei furiosa com a frieza do médico e disse: “Doutor, minha mãe vai sobreviver. Deus vai ajudar”. O médico, que não demonstrava nenhum sentimento, olhou-me e falou: “Minha senhora, compreendo seus sentimentos, mas tenho que informar a realidade do caso. Tudo que podíamos fazer, foi feito, mas se a senhora acredita em Deus e tem fé, reze”.

Passaram alguns dias e minha mãe encontrava-se em coma. Todos angustiados e perdendo já a fé, mas eu sabia que Deus ia nos ajudar, embora às vezes já não acreditasse mais. Fui surpreendida, em um dia que fui visita-la, ao ver ela com os olhos abertos perguntei: “Mãe você sabe quem sou eu?” E ela disse: “Claro que sei. É minha filha Viviane”.

Essa é uma história da minha vida que encerro com um pequeno trecho de um Poema “Pegadas na Areia” que fala o que verdadeiramente passamos em situações difíceis. Deus realmente nunca nos abandona. Ele nos carrega no colo nos momentos difíceis, mesmo quando pensamos que é o fim.

“Não compreendo porque nas horas em que eu mais necessitava de ti, tu me deixaste sozinho. O senhor me respondeu: Meu querido filho, jamais te deixaria nas horas de prova e sofrimento. Quando viste na areia apenas um par de pegadas, eram as minhas. Foi exatamente aí que te carreguei nos braços. ”

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



Mack Léo Pedroso
Diretor-geral

Guilherme Reichwald Jr.
Coordenador do Técnico em
Administração

Carlos Alexandre Wurzel
Diretor adjunto

Suzana Trevisan
Organizadora e Editora

Fábio Roberto Moraes Lemes
Chefe do Dep. de Ensino

Patrícia Hammes Strelow
Programação Visual

*Sapucaia do Sul,
dezembro de 2016*

